

# Memória digital: negociações com outros sentidos em rasuras digitais de uma resenha acadêmica

Tatiane Henrique Sousa Machado\*

Cristiane Carneiro Capristano\*\*

## Resumo

Neste estudo, objetiva-se analisar rasuras digitais presentes na produção escrita de 23 resenhas acadêmicas elaboradas por alunas de um curso de Pedagogia, por meio do *Google Docs*, a fim de verificar a existência de tendências nos modos como se mostram nessas rasuras as negociações realizadas por essas escreventes com os diferentes “outros” sentidos que constituem o (seu) dizer. Para tanto, a pesquisa ampara-se teoricamente na noção de heterogeneidades enunciativas, como forjada no quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa, na concepção de rasuras e de rasuras digitais, como desenvolvidas no campo dos estudos da linguagem e da crítica genética, bem como na noção de memória digital. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual examinamos apagamentos, inserções, substituições e deslocamentos feitos pelas acadêmicas no processo de textualização da resenha. Dentre os resultados, destaca-se que as rasuras digitais ligadas à negociação com outros sentidos ocorrem sob o efeito de: (a) relações sinonímicas e antonímicas; (b) operadores argumentativos e modalizadores; e, por fim, (c) estruturação sintático-semântica. Pôde-se concluir que as rasuras digitais sinalizam principalmente operações locais de substituição lexical e operações relacionais, que mostram as escreventes “excluindo” significantes e “procurando” outros numa rede de significantes possíveis, objetivando alçarem-se à escrita valorizada pelo endereçamento projetado nas práticas acadêmico-científicas das quais participam, sob a atuação da memória digital.

Palavras-chave: rasura digital; heterogeneidade enunciativa; Análise do Discurso Francesa; escrita acadêmica; memória digital.

\* Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente Adjunto do curso de Letras Português da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Orcid:0000-0002-4873-5239.

\*\* Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: 0000-0003-1225-5716.

# Digital Memory: Negotiations with Other Meanings in Digital Erasures of an Academic Review

## Abstract

This study analyzes digital erasures in the written production of 23 academic reviews authored by undergraduate Pedagogy students using *Google Docs*. The objective is to identify patterns in how these erasures manifest the negotiations between the writers and the “other” meanings that constitute their discourse. Theoretically, the research is grounded in the notion of enunciative heterogeneities, as formulated within French Discourse Analysis, alongside the concepts of erasure and digital erasure developed in Language Studies and Genetic Criticism, and the notion of digital memory. This qualitative study examines deletions, insertions, substitutions, and displacements performed during the textualization process. The findings reveal that digital erasures linked to the negotiation of meaning are driven by: (a) synonymic and antonymic relations; (b) argumentative operators and modalizers; (c) syntactic-semantic structuring. The study concludes that digital erasures primarily signal local lexical substitutions and relational operations. These movements show writers “excluding” certain signifiers while “searching” for others within a network of possibilities. This process aims to align their prose with the valued writing standards projected by the academic-scientific practices in which they are immersed, all under the influence of digital memory.

Keywords: digital erasure; enunciative heterogeneity; French Discourse Analysis; academic writing; digital memory.

## 1 Considerações iniciais

O surgimento e a proliferação de recursos de apoio à produção textual ancorados na Inteligência Artificial (IA) – notadamente em plataformas como o *Google Docs*, que incorporam determinados recursos baseados em algoritmos e, em alguns casos, em IA –, têm catalisado o interesse de pesquisadores de diferentes áreas, sobretudo no tocante aos efeitos desses recursos para a constituição da escrita e dos escreventes. Sabe-se que, sobre os textos produzidos com apoio de ferramentas digitais, instaurou-se uma ideia equivocada de controle e de transparência do processo de escrita (Komesu, 2014). Essa ideia filia-se, por exemplo, ainda que de forma indireta, à noção de letramento “it” de Lankshear e Knobel (2005), que concebe os produtos digitais como melhores, apenas por contarem com aquilo que se entende como recursos facilitadores. Diferentemente da noção de letramento “it”, nos filiamos à concepção etnográfico-discursiva de letramento, a partir da qual pudemos compreender que os recursos tecnológicos que se apoiam, em alguma medida, em IA participam da produção de sentidos, mas não há supremacia desses recursos em relação aos sentidos produzidos por discursos e por sujeitos em tempos e em espaços determinados (cf. Corrêa, 2020, p. 71).

Neste artigo, para refletir sobre o papel dos recursos tecnológicos para a constituição da escrita e dos escreventes, reexaminamos aquilo que nomeamos como rasuras digitais, exploradas, em um primeiro momento, em uma pesquisa de doutoramento (Machado, 2021). Do ponto de vista teórico, as rasuras digitais são concebidas como gestos retrospectivos na produção escrita realizada por meio de recursos tecnológicos que se constituem como índices de negociação do sujeito com os diferentes modos de representar a (sua) escrita, sob atuação da memória digital (Machado, 2020, 2021; Capristano, 2025).

Analisamos, neste artigo, qualitativamente, rasuras digitais vinculadas ao que entendemos como negociações com “outro sentido”, ou seja, rasuras que indiciam uma não coincidência das palavras com elas mesmas (no sentido de Authier-Revuz, 1990, 1998, 2004), a fim de verificar a existência de tendências nos modos como se mostram negociações realizadas por escreventes com os diferentes “outros” sentidos

que constituem o (seu) dizer. Assume-se que, nas rasuras digitais ligadas à negociação com “outro sentido”, haveria potencialmente a atuação da memória digital (Dias, 2018, 2019) que acomoda sentidos sugeridos pela máquina, os quais são ilusoriamente aceitos ou negados, a fim de atender à imagem de escrita valorizada pelo endereçamento projetado em práticas acadêmico-científicas.

O material de análise foi composto de 23 resenhas elaboradas por acadêmicas de um curso de Pedagogia (primeiro ano) de uma instituição privada do interior do Paraná, no período de 1º de outubro de 2018 a 11 de dezembro do mesmo ano, como resultado de um projeto de extensão voltado para a escrita acadêmica. As resenhas deveriam ser produzidas por meio da utilização do recurso tecnológico digital *Google Docs*<sup>1</sup>. A produção dessas resenhas gerou 130 rascunhos digitais, nos quais pudemos identificar 614 rasuras digitais, como ilustrado na Figura 1:

### Figura 1– Rasura Digital

O primeiro capítulo trabalha a questão da inclusão social no meio escolar, o exposto ~~feito~~redigido pela professora e coordenadora Maria Terezinha C. Teixeira dos Santos,

**Fonte: Dados da pesquisa.**

Na Figura 1, identifica-se uma rasura digital, no registro de “feito” que, depois, é substituído por “redigido”, uma vez que o tachado indica que o registro do vocábulo “feito” foi apagado pela escrevente, que, simultaneamente, na mesma versão de escrita, inseriu a palavra “redigido”. Por se tratar de dois gestos (apagamento e inserção) no mesmo espaço textual e na mesma versão, considera-se a ocorrência de uma rasura digital por substituição. Além da substituição, identificamos mais três tipos de rasuras digitais: apagamentos (alterações retrospectivas nas quais as escreventes apenas excluem material linguístico, sem inserirem novo

1 O procedimento didático consistiu na inserção de uma consigna de produção textual em documentos compartilhados via *Google Docs*, na qual se solicitava às acadêmicas a elaboração de uma resenha da obra intitulada *Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*, livro produzido pela Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional da Educação em 2007 (Disponível em: <https://portal.dopropessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2026). A orientação de que a escrita ocorresse exclusivamente nesse suporte justificou-se pelas propriedades da ferramenta, que possibilita o registro integral do histórico de versões – aqui denominadas “rascunhos digitais”. Tal funcionalidade viabilizou o acompanhamento sistemático de todo o processo de textualização e a análise das interações (professor/aluno), em virtude da atualização dinâmica dos arquivos por meio do *Google Docs*, ferramenta tecnológica que registra instantaneamente qualquer modificação efetuada nos arquivos e armazena cronologicamente todas as versões geradas na plataforma.

material em seu lugar), inserções (inclusões retrospectivas de material linguístico de diferentes naturezas, como pontuação, acento, espaços em branco relativos à palavra, palavras, expressões, parágrafos inteiros etc.) e, por fim, deslocamentos (alterações retrospectivas nas quais as escreventes recortam parte do material linguístico e, posteriormente, o alocam em outro lugar).

O exame qualitativo desses diferentes tipos de rasuras digitais permitiu averiguar a existência de sete funcionamentos típicos dessas rasuras, incluindo o funcionamento que será explorado neste artigo, a saber: negociações com “outro sentido”, “outro estilo”, “outro suporte”, “outra estrutura composicional”, “outro conteúdo temático”, “outro autor” e “outro discurso”. As negociações com “outro sentido” corresponderam a 10% das rasuras identificadas no material supramencionado. O interesse por expandir e por aprimorar a análise desse conjunto de rasuras digitais deve-se ao fato de que elas são particularmente relevantes para problematizar o modo como recursos tecnológicos participam da produção de sentidos nas práticas letradas acadêmico-científicas.

Para organização deste artigo, primeiro, será apresentada uma discussão sobre a concepção de heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1998), que se configura como a base teórica do estudo, a fim de expor como se concebe a relação entre heterogeneidade enunciativa e rasura. Na sequência, amplia-se a discussão, apresentando o conceito de rasura digital e sua relação com a memória digital. Por fim, com base na fundamentação teórica delineada nessas duas primeiras seções, apresentamos os resultados e, na sequência, as considerações finais.

## 2 Heterogeneidades enunciativas e concepção de rasura

A noção de heterogeneidades enunciativas, como desenvolvida em Authier-Revuz no âmbito da Análise do Discurso de filiação francesa, nos ensina que todo e qualquer enunciado é, inerentemente, atravessado pela presença do Outro/outro, não sendo um produto homogêneo de um sujeito uno e autônomo. Trata-se, pois, de uma noção que busca dar conta da alteridade radical de todo dizer. Esse fenômeno complexo é descrito

a partir da postulação de dois planos indissociáveis: a heterogeneidade constitutiva e a mostrada. A primeira é tida como condição fundamental de todo dizer e sua delimitação está alicerçada, sobretudo, na reinterpretação e no rearranjo feitos por Authier-Revuz (1998) do dialogismo bakhtiniano e da concepção lacaniana de sujeito descentrado e dividido. A segunda, por sua vez, se refere às formas linguísticas concretas por meio das quais o sujeito representa e negocia com a alteridade constitutiva do (seu) dizer.

As não coincidências das palavras consigo mesmas são manifestações justamente da heterogeneidade mostrada e referem-se a fenômenos linguísticos que colocam em cena a impossibilidade de uma (qualquer) palavra ser “ma” e de ter um sentido fechado em si mesma. Essas formas de manifestação da heterogeneidade mostrada são, em geral, marcadas por glosas ou comentários metaenunciativos (por exemplo, “em sentido próprio”, “não no sentido de..”) e expõem a potencialidade de sentidos múltiplos, como os engendrados pela polissemia, homonímia e trocadilho. Authier-Revuz (1998, p. 191) destaca que essas formas não são reflexos do acesso direto ao real da enunciação, mas hipóteses teóricas sobre o funcionamento real, ou seja, respostas dos enunciadores ao encontro com a não coincidência, que se mostrariam também por meio de:

Hesitação (X, enfim X, se quisermos, se assim se pode dizer, se for possível falar de “X” em...); de retoque ou de retificação (X, ou melhor, Y; X, eu deveria ter dito Y; X, o que estou dizendo? com jogos sutis (eu ia dizer Y); ou confirmações (X, é mesmo X que quero dizer) (Authier-Revuz, 2004, p. 15).

Assumimos, com Authier-Revuz (1998, p. 191), que as não coincidências do dizer materializam a reflexividade da linguagem, compreendida não como um ato intencional e formal de um sujeito epistêmico sobre o código (metalinguagem, em sentido estrito), mas sim como um fenômeno inerente e constitutivo do funcionamento discursivo. Ao interromperem a linearidade do enunciado, sinalizam a incerteza e a não unicidade da palavra, expondo a clivagem do sujeito-enunciador e a presença inevitável do não um no próprio dizer, sem, contudo, remeterem a uma exterioridade da língua. Nesse sentido, a reflexividade é aqui compreendida como o modo pelo qual a linguagem, em seu movimento,

se volta sobre si mesma para tentar instaurar uma ilusão de adequação e de coincidência.

Com base nas contribuições teóricas de Authier-Revuz, reconhecemos que rasuras podem ser tidas como marcas de retoque que sinalizam a recuperação do dizer do Outro/outro, já que se pode ver nas rasuras uma dupla designação: “a de *um lugar* para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e de uma *alteridade* a que o fragmento remete” (Authier-Revuz, 1990, p. 30, grifos da autora). Constituir-se-iam, por isso, como “um modo de denegação, no discurso, da heterogeneidade constitutiva, que depende do outro no um” (Authier-Revuz, 2004, p. 74).

Em termos de virtualidades, as rasuras podem ser interpretadas como formas sem elemento autonímico ou metalinguístico, uma vez que a cada substituição, apagamento, deslocamento ou inserção, o escrevente abandona um dizer ou o substitui por outro, deixando subentendido um movimento de “X, quer dizer Y” (substituição, deslocamento), “X quer dizer Ø” (apagamento); “X quer dizer X +” (inserção). Logo, as rasuras funcionam como lugares denominados por Lacan de “point de capiton” (ponto de ancoragem), uma vez que se pode perceber o sujeito num movimento de retorno, olhando seu enunciado de um outro lugar. Essa interpretação nos é lícita, uma vez que Authier-Revuz (1982, p. 44) destaca que “é na letra do discurso, na base do material linguístico, do significante, que se detém a escuta analítica [...]. Os lapsos, os chistes, os sonhos, não são senão as emergências surpreendentes de uma presença semelhante”. Para nós, as rasuras se configurariam como chistes, lapsos que denunciam uma presença, mesmo que inconsciente, de outras possibilidades de dizer. Nesses gestos, coloca-se o “não um” em destaque, ou seja, a dispersão do discurso, instaurando, na aparência de controle, o não controle do dizer. Portanto, as marcas de não coincidências do dizer consigo mesmo, como definidas por Authier-Revuz (1998), bem como as rasuras (na nossa concepção), são marcas que dão forma à relação com o Outro/outro.

Assim, a partir da concepção de heterogeneidade mostrada de Authier-Revuz, compreendemos as rasuras como marca local de uma não coincidência enunciativa, alteridade representada por denegação. As rasuras sinalizariam a divisão enunciativa do escrevente entre utilizador e observador da (sua) escrita, numa tentativa de controle do sentido, que deixa latente a distância entre a palavra e o sentido que ela suscita,

quebrando “a univocidade aparente da *cadeia discursiva*” (Authier-Revuz, 1990, p. 29, grifos da autora) e inscrevendo o Outro/outro no discurso. Por conseguinte, rasuras indicariam “uma aparente negociação do ‘um’ com os outros que o constituem e determinam a emergência dos enunciados que produz” (Capristano, 2013, p. 666). Em outras palavras:

Do ponto de vista de seu funcionamento, as rasuras manifestam um movimento de retorno do sujeito sobre a (sua) escrita, constitutivo do modo de enunciação escrito, e mostram o escritor/escrevente em um momento de tensão, conflito e/ou reflexão, no qual parece reconhecer algo “errado” ou impróprio na (sua) escrita, cuja resolução o aproximará do que imaginariamente compreende como ideal para a constituição de seu texto final (Capristano, 2025, p. 341).

Ao analisar as rasuras, entendemos haver movimentos de retorno do sujeito sobre o próprio dizer, observando, nesses gestos, marca desse “tropeço” na cadeia do discurso que sinaliza o não um, negociações com o Outro/outro, conforme as contribuições de Authier-Revuz (1990, p. 30-31). Nos estudos dessa autora, propõem-se a possibilidade de identificação de diferentes outros: outra variedade, outro discurso (técnico, feminista, marxista); outro sentido (polissemia, homonímia, metáfora). Como antecipado, neste estudo nos interessam as rasuras que parecem emergir precisamente pela atuação de “outros sentidos”.

As rasuras ligadas à negociação com “outros sentidos”, à luz das contribuições de Authier-Revuz (2004, p. 83), circunscrevem-se como uma não coincidência das palavras com elas mesmas, que corresponderia às “glosas que designam, ao modo da rejeição – por especificação de um sentido contra outro” Authier-Revuz (2004, p. 83) ou que integram ao sentido fatos da polissemia e da homonímia. Essas negociações são motivadas pela consubstancial possibilidade de equívoco, sempre lá, mas apagada pela ilusão da constituição de língua como sistema acabado. Sinalizam, enfim, a língua imersa em infinitas singularidades, num “jogo” inevitável de nomeação, “entre a captura do objeto pela letra, que desemboca na perda” (Authier-Revuz, 1998, p. 23).



### 3 Rasuras digitais e memória digital

As práticas de escrita desenvolvidas no contexto digital contam, em alguma medida, com o apoio de recursos tecnológicos, orientações do algoritmo e, nesse sentido, entende-se que a máquina, em alguma medida, participa da construção de sentidos, sugerindo caminhos aceitos e negados pelos escreventes. Neste estudo, ao analisarmos as rasuras digitais, entendemos que o “outro sentido”, que sinaliza um embate de sentidos, pode ser, também, “ilusoriamente escolhido mediante as recomendações definidas pelo algoritmo que ‘lineariza’, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições” (Orlandi, 2020, p. 15).

Dada essa dupla possibilidade, reconhece-se que, nas rasuras digitais, ou seja, aquelas produzidas quando a escrita ocorre por meio de recursos tecnológicos (como o *Google Docs*), atuaria a memória digital que, ao mesmo tempo em que acomoda sentidos sugeridos pelo algoritmo, também abre espaço para outros sentidos, aqueles não sugeridos, mas presentes na relação valorativa estabelecida entre escrevente, enunciado e seu endereçamento. As rasuras digitais permitiriam testemunhar um sujeito negociando a constituição do (seu) projeto de dizer, sinalizando negociações com outras possibilidades da língua e do gênero discursivo, quando da escrita por meio de recursos tecnológicos, portanto, sendo afetado pelo quadro institucional do gênero discursivo (no nosso caso, uma resenha acadêmica), pela temática na qual se filia e pelas relações sócio-históricas que o sujeito estabelece com a escrita e com os recursos tecnológicos.

Entendemos que essas negociações podem irromper como efeitos da memória digital (Dias, 2018), que implica outras duas, a memória metálica e a memória discursiva. A primeira, produzida por meio de recursos tecnológicos, se organiza pelo processo da repetição e da distribuição em série. Segundo Orlandi (2020), a memória metálica se organiza pelo acúmulo da materialidade em que os sentidos são produzidos pela reprodução e pela replicação de modo homogeneizante e limitado a um repositório que lineariza pela repetição. Haveria, assim, um retorno do dizer no intradiscurso reconhecido como o fio do discurso, lugar em que a forma-sujeito tende a absorver-esquecer a presença constitutiva do interdiscurso. A

memória discursiva, por sua vez, é produzida pela materialidade histórica, pelos já ditos e se organiza pelo processo da reformulação, filiando o sujeito a uma rede, a um ponto do interdiscurso. Orlandi (2020), numa retomada de contribuições da Análise do Discurso de orientação francesa, afirma que a memória discursiva refere-se a um conjunto de formulações realizadas e esquecidas que determinam o nosso dizer.

A memória digital, por conseguinte, se daria na escrita digital que se lineariza pelo retorno ao interdiscurso, por meio de um processo de atualização de dados, abrindo espaço para a falha e para o escape do homogeneizante da memória metálica (Dias, 2019). Sendo assim, essas três memórias não são separadas, uma vez que a memória digital implica as outras duas, já que funciona pelos dados e sua relação com o interdiscurso, que sempre tenta escapar da estrutura totalizante imposta pelo processo da memória metálica.

Reconhecendo a atuação memória digital sobre a escrita digital, as rasuras digitais sinalizariam diferentes modos a partir dos quais o sujeito se relaciona com o conhecimento, com a linguagem e com a escrita, quando da produção de enunciados concretos, a partir do agenciamento de diferentes gêneros discursivos, numa negociação mediada pelo diálogo escrevente-leitor e máquina de modo diferente do presente na rasura manuscrita. Reconhecemos a presença da “formação discursiva que atravessa o algoritmo na relação homem-máquina” (Ferragut, 2019, p. 118). Assim, julgamos que, nos enunciados produzidos no ambiente digital, há um sujeito inscrito numa determinada formação discursiva, que, ao enunciar recorrendo ao *Google Docs*, digita, sinalizando o primeiro movimento de sentidos, mas, antes de encerrar o processo, o *Google Docs* passa a apresentar sugestões (supostas correções), oferecendo-lhe resultados ligados a outro movimento de sentidos; esses, por fim, resultam da relação de sentidos entre sujeitos e máquina algorítmica. Portanto, em função desse atravessamento presente no processo de escrita no digital, haveria atuação da memória digital, compreendida como “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (Dias, 2018, p. 105).

Conforme Dias (2018), a memória digital é historicizada e pode ser reconhecida naquilo que escapa da estrutura totalizante da memória

metálica (considerada, por Orlandi, como des-historicizada). Nas rasuras digitais, quando o escrevente rasura supostamente autorizando, desautorizando ou propondo outros caminhos, sejam eles algoritmizados ou não, o dizer se inscreve na história. Adotamos a memória digital enquanto resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve no funcionamento do discurso digital pelo trabalho do interdiscurso. Nesse sentido, as rasuras digitais seriam lugar de vazão e escape, resíduo, sempre historicizado, que acomodaria os sentidos sócio-históricos da língua e dos sujeitos que enunciam.

Em nossos estudos, reconhecemos a atuação da memória digital, que, em alguma medida, agiria sobre as rasuras digitais, a fim de postular que, ao escrever por meio de recursos digitais, a máquina atua, mas não é responsável pelos sentidos produzidos. Ocorre, na nossa interpretação, a atuação imbricada entre sujeito, máquina e discurso, em que seriam confrontados sentidos historicizados e sentidos acumulados, portanto, uma escrita que se constitui entre a memória discursiva e a metálica; entremeio aqui entendido como memória digital. Sendo assim, não há apenas um algoritmo “oferecendo” sugestões ao escrevente, que levaria a uma escrita ilusoriamente melhor, por exemplo, mas também um sujeito deslizando por determinados sentidos, ora aceitando, ora recusando as sugestões que lhe são apresentadas, pois a memória digital é da ordem do histórico e também da repetição algorítmica.

Ao analisar as rasuras digitais de resenhas acadêmicas produzidas no *Google Docs*, partimos da hipótese de que há, em alguma medida, a atuação de uma língua lógico-matemática, a do algoritmo, que, ao indicar percursos (alterações possíveis no texto), ao mesmo tempo bloqueia sentidos, seus movimentos, seu deslocamento e sua historicidade (Orlandi, 2012). Contudo, esses movimentos não excluem a incompletude e a dispersão de sentidos, nem mesmo invalidam as negociações com os diferentes “outros” que constituem o dizer, já que o meio tecnológico participa das produções de sentidos, mas a produção desses sentidos é da ordem dos discursos e dos sujeitos (Corrêa, 2020). Na próxima seção, apresentamos uma análise qualitativa dos dados deste estudo, explorando rasura provocadas pela emergência de “outros sentidos” sob a atuação da memória digital, a fim de dar contornos mais precisos a essa hipótese.

## 4 Rasuras sob a atuação na memória digital

O material de análise foi recolhido de 23 resenhas elaboradas por alunas de um curso de Pedagogia, como resposta a uma atividade avaliativa desenvolvida no âmbito de um projeto de extensão voltado para a escrita acadêmica. Essas resenhas foram redigidas, como já mencionado, por meio da utilização do recurso tecnológico digital *Google Docs*. A produção dessas resenhas gerou 130 rascunhos digitais, nos quais pudemos identificar 614 rasuras digitais. A partir do escopo teórico acima delineado, identificamos, inicialmente, as rasuras digitais, organizando-as por tipos (apagamento, inserção, substituição, deslocamento) e, depois, observando seu funcionamento. O exame qualitativo dos diferentes tipos de rasuras digitais, também como já antecipado, permitiu averiguar a existência de seis funcionamentos típicos dessas rasuras, incluindo o funcionamento que será explorado neste artigo, a saber: negociações com “outros sentidos”, “outro estilo”, “outro suporte”, “outra estrutura composicional”, “outro conteúdo temático”, “outro autor” e “outro discurso”.

As rasuras envolvendo “outros sentidos” foram assim organizadas:

**Tabela 1 – Rasuras ligadas à negociação com *outro sentido***

FUNCIONAMENTO	APAGAMENTO	DESLOCAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
(1) Sinonímia/Antonímia	1,6% (1)			77,8% (49)
(2) Operadores argumentativos/modalizadores	3,2% (2)	1,6% (1)	6,3% (4)	
(3) Estruturação sintático-semântica				9,5% (6)
<b>Total (100% - 63)</b>	<b>4,8% (3)</b>	<b>1,6% (1)</b>	<b>6,3% (4)</b>	<b>87,3% (55)</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se pode ver na tabela, no interior das rasuras envolvendo “outros sentidos”, o tipo de rasura mais recorrente é a *substituição*. Rasuras como apagamentos, deslocamentos e inserções ocorrem em número bem menor, quando se trata de negociações com “outros sentidos”. Compreendemos a recorrência da substituição como um indício forte da atuação do autômato, que apontaria para alguns sentidos (autorizados ou não pelas escreventes), apagando outros, portanto, sinalizando atuação da memória digital sobre o sujeito e sobre o (seu) dizer. Mas não só. Como pretendemos mostrar com alguns exemplos

a seguir, junto com a atuação da máquina, vemos emergir rasuras que indiciam a atuação do sujeito e da língua.

Na tabela, é possível verificar também a distribuição das rasuras em razão de seu funcionamento mais particular. Nas rasuras denominadas de “sinonímia/antonímia”, em geral, ocorre uma operação local de permuta (substituição) de uma palavra por outra, momento no qual se estabelecem relações semânticas de diferentes naturezas – há apenas uma exceção a esse funcionamento mais geral. Nas ocorrências reconhecidas como “operadores argumentativos/modalizadores”, vemos estabelecer-se uma operação relacional, pelo apagamento, pela inserção ou pelo deslocamento de modalizadores e de operadores argumentativos. Por fim, nas rasuras ligadas à “estruturação sintático-semântica”, como a própria nomeação já indica, estão implicados fatores vinculados à estrutura sintático-semântica dos enunciados, nos quais se pode ver operações também relacionais, como demonstramos na sequência.

Nas rasuras digitais ligadas à negociação com “outro sentido”, mediante a operação local de intercâmbio lexical de vocábulos, nas quais se pode ver estabelecidas relações sinonímicas e antonímicas via substituição, vemos delinear-se os seguintes gestos, conforme o exemplo a seguir:

### Figura 2 – Rasura digital – substituição – outro sentido

o livro A obra aborda de forma sintetizada, diretrizes e propostas educativas de alguns autores que são reconhecidos por sua experiência e compromisso com a qualidade da

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa rasura, pode-se inferir a presença de um encontro entre duas possibilidades de sentido da língua “o livro x a obra”. Os enunciados (escritos e abandonados) estabelecem uma relação de sinonímia<sup>2</sup>, marcando, por meio da rasura digital, uma cisão e a possibilidade de o dizer ser outro; logo,

<sup>2</sup> A classificação como “sinonímia/antonímia” é meramente um recurso para explicitar a descrição do funcionamento das rasuras digitais. A nosso ver, o conceito tradicional de sinonímia (bem como, de forma correlata, o de antonímia), ao postular a possibilidade de intercâmbio absoluto de unidades lexicais sem qualquer prejuízo semântico ou pragmático, incorre em uma simplificação teórica. Se entendermos que a linguagem não se resume a um mero sistema de signos estáveis, mas se manifesta como uma prática social indissociável das condições históricas, ideológicas e subjetivas de sua produção, a sinonímia não existiria. Mesmo em casos de alta similaridade denotativa – como “residência” e “moradia” – a seleção de um termo em detrimento do outro sinaliza uma posição do sujeito, uma adesão a uma formação discursiva específica (por exemplo, o registro jurídico/formal *versus* o afetivo/comum). Desse modo, a variação aparente da sinonímia não constitui uma redundância no sistema da língua, mas sim um complexo jogo de paráfrases e substituições que operam dentro de uma dada formação discursiva, na qual cada “sinônimo” (e, por extensão, cada “antônimo”) demarca sutilmente um lugar de enunciação e uma relação de poder-saber distinta, não existindo, portanto, a identidade plena de sentido.

senal de um “encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras” (Authier-Revuz, 1998, p. 25), que mostram o confronto com o não um, ligado ao “sentido a mais”. Nessa direção, poderíamos interpretar que essa rasura funcionaria, seguindo a proposta analítica de Authier-Revuz, como um gesto de: “O livro, eu falhei dizendo ‘o livro’ trata-se de ‘a obra’”.

Essa rasura poderia ser creditada à atuação da língua lógico-matemática, devido ao fato de o autômato “catalogar possíveis sinônimos”, todavia, ao se observar os pares, a escrita abandonada de “o livro” e a escrita “escolhida” (“a obra”), essa afirmação não se comprova, tendo em vista que, nesta e em muitas ocorrências presentes em nosso material, a máquina não apresenta opções sinonímicas, como, por exemplo: sociedade/meio social; ética e cidadania/tema; alega/defende; participa/modifica, trabalhar/utilizar, conteúdo passado/conteúdo transmitido, dentre outras. Assim, embora a máquina facilite a operação de substituição, oferecendo o que entende como “sinônimo”, seria ingênuo compreender essas rasuras como resultantes meramente de uma sugestão algorítmica. De modo diferente, entendemos que esse tipo de rasura remete à tentativa do sujeito de “fiar-se na existência de uma “comunidade de sentido” (Corrêa, 2020, p. 71), numa rejeição de um sentido em relação a outro, denunciando um sentido que escapa da estrutura totalizante da máquina, inscrevendo-se no interdiscurso, dada a atuação da memória digital. Trata-se, de modo análogo às discussões feitas em Corrêa (2020), de uma tentativa de alçamento à língua do Outro/outro, pertencente a uma posição hipoteticamente superior, uma ruptura aberta pela memória digital.

Em outras rasuras ligadas à negociação com “outro sentido”, a substituição também se deu ligada a relações semânticas, vinculadas, contudo, ao que se poderia supor como sendo relações *antonímicas*, em que os eixos enunciativos não apenas se distinguem, mas aparentemente se opõem, conforme exemplo a seguir:

### **Figura 3 – Rasura digital – substituição – outro sentido**

escola. Que o aluno tem o conteúdo passado pelo professor, mas também utiliza da **teoriaprática** para expor suas opiniões através do diálogo. As aulas devem ser

**Fonte: Dados da pesquisa.**

Nessa rasura digital – que interrompe a suposta linearidade do dizer e dá lugar à manifestação das não coincidências entre o eu e o Outro/outro –, pode-se inferir a presença de um embate entre duas possibilidades opostas de sentido da língua, sinalizado pela substituição de “teoria” por “prática”. É imperativo notar que, como na rasura anterior, embora as novas tecnologias facilitem operações de substituição, seria ingênuo creditar essa rasura a uma mera sugestão algorítmica; a máquina, em sua estrutura lógica, não ofereceria “prática” como sinônimo para “teoria”. O que se observa é, pois, menos a atuação direta do dispositivo e mais um movimento de um sujeito que busca ancorar-se em uma comunidade de sentido (ver Corrêa, 2020), na expectativa de que seu enunciado encontre eco em uma base interpretativa comum. O abandono do termo “teoria” sinaliza que a produção de sentido é um campo de forças tensionado, no qual a palavra “é inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’” (Authier-Revuz, 1990, p. 26). Assim, o que se apresenta materialmente como uma substituição lexical atua, de fato, novamente, como um sintoma de que a escrita feita no *Google Docs* não é resultado de um “discurso ruminante” (Dias, 2019), limitado ao acúmulo e à repetição de dados, mas sim mais um espaço de contradição onde “algo fala em outro lugar”. A rasura torna-se indício material de uma determinação exterior: a palavra abandonada permanece presente como um rastro, estabelecendo uma relação antonímica que confronta a estrutura totalizante e pretensamente perfeita da máquina.

Ainda sobre essa rasura, é possível pressupor que ela põe à mostra também o funcionamento das memórias discursivas que, possivelmente, entram em jogo na emergência conjunta desse par (teoria X prática). *Grosso modo*, pode-se afirmar que a relação entre teoria e prática é, sobretudo no campo da formação de professores, frequentemente atravessada por uma memória discursiva na qual a “teoria” é constituída discursivamente como o lugar da verdade e da universalidade, operando como um domínio do saber que tenta estabilizar, de forma definitiva, os sentidos, por exemplo, do que venha a ser o ato de “educar”. Em contrapartida, a “prática” ora é relegada à posição da “falta”, da “imperfeição” ou da mera execução técnica, sendo percebida apenas como o reflexo incompleto ou distorcido da pureza teórica; ora é elevada ao *status* de lugar da realidade, em oposição à suposta abstração da teoria. Esses lugares de sentido, muito possivelmente, estão



em jogo nessa rasura. Vejamos, agora, rasuras ligadas aos operadores argumentativos e/ou modalizadores:

#### **Figura 4 – Rasura digital – inserção – outro sentido**

O livro reúne obras de profissionais renomados, de muita qualidade e visivelmente apaixonados por seu trabalho, com conhecimentos agregadores, além de relacionar muito bem a disciplina de Filosofia, já que ilustra a necessidade de desenvolver seres críticos, reflexivos, democráticos; ..., capacidades atribuídas por tal disciplina, também é muito

**Fonte: Dados da pesquisa.**

Nessa rasura, vemos primeiro o registro de “O livro reúne obras de profissionais renomados, de muita qualidade e apaixonados por seu trabalho”; em seguida, a inserção de um advérbio (“visivelmente”), resultando no registro de: “O livro reúne obras de profissionais renomados, de muita qualidade e visivelmente apaixonados por seu trabalho”. A inserção do advérbio modalizador confere uma avaliação, ou seja, o ponto de vista da imagem que as escreventes fazem sobre os autores da obra, projetando, após a inserção, certo grau de “certeza” que não se pode atribuir à máquina. Ou seja, embora o dispositivo, a máquina, participe da construção de sentidos, não é ela que gerencia o que circula.

Em outra rasura, de modo semelhante, a atuação se dá por meio da inserção de operadores argumentativos, conforme Figura 5:

#### **Figura 5 – Rasura digital – substituição – outro sentido**

No entanto, o que restringe a ação docente é a sociedade da qual fazemos parte, que busca a realização financeira, o status de ser o melhor,

**Fonte: Dados da pesquisa.**

A substituição do sintagma “o que restringe” pela formulação “No entanto, o que restringe” configura-se como um gesto de escrita que uma vez mais materializa a heterogeneidade enunciativa (no sentido de Authier-Revuz), indiciando a presença do “Outro/outro” no discurso do “um”, além de constituir-se como marca material de que o sujeito está em constante negociação com a (sua) própria formulação. Em linhas bastante gerais, é possível dizer que, no primeiro gesto de escrita, sem o operador argumentativo “no entanto”, o enunciado adquire um efeito de sentido mais ligado ao que se poderia chamar de uma constatação objetiva, uma



descrição de uma realidade fenomênica que foi rejeitada pela escrevente; todavia, a inserção de “No entanto”, escolhida provavelmente como “melhor opção” pela escrevente, introduz uma clivagem discursiva em que o sujeito escrevente emerge como instância que pesa opções e confronta sentidos em disputa, instância pressupostamente preferida pelas práticas acadêmico-científicas e, por conseguinte, pelo gênero discursivo “resenha acadêmica”. Como sabemos, “no entanto” é costumeiramente empregado em textos acadêmicos, jurídicos, jornalísticos e literários e é considerado “mais formal”. A escolha pela introdução desse operador em detrimento de outros projeta uma imagem de alguém com domínio da norma culta, capaz de operar em textos que requerem maior formalidade e capacidade de articulação.

Nessas duas últimas ocorrências analisadas, o tipo de envolvimento, diferente das ocorrências anteriores, que parecem operar localmente sobre o léxico (num intercâmbio de palavras), a escrevente parece lidar com a base relacional, ao longo da construção sintático-semântica do enunciado, sob a atuação da memória digital. Sobretudo, fica manifesto o escape da estrutura totalizante da máquina, subjacente à imagem que a escrevente faz sobre o gênero discursivo resenha, que pressupõe apresentação crítica da obra resenhada e, por conseguinte, o agenciamento de modalizadores e operadores argumentativos. Nota-se o resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e, novamente, uma tentativa de fiar-se a uma comunidade de sentido, a acadêmico-científica, que imprime teor avaliativo ao conteúdo analisado numa resenha acadêmica.

Nas rasuras envolvendo “estruturação sintático-semântica”, por meio da operação de substituição, o outro sentido recai sob a relação sintático-semântica dos enunciados com base relacional, conforme exemplo a seguir:

### Figura 6 – Rasura digital – substituição – outro sentido

Dando continuidade no capítulo, Moral e ética são palavras muito parecidas, porém seus significados são distintos. ~~O livro também entra em um assunto que diz respeito ao trabalho que deve ser feito com alunos, a fim de que os mesmo reflitam sobre suas condutas e as dos demais~~O trabalho proposto neste capítulo refere-se a uma atividade onde os alunos são levados a reflexão sobre suas condutas, comportamentos e as dos demais, na sociedade, mas que essa reflexão seja feita por meio de princípios. Porém, é importante ressaltar que não é dever apenas da instituição escolar educar moralmente as novas gerações, este é um trabalho onde tem de haver também a participação da família, sociedade e seu entorno. A moralidade humana deve ter seu enfoque no contexto histórico, social e

Fonte: Dados da pesquisa.

Inicialmente, a escrevente registra: “O livro também entra em um assunto que diz respeito ao trabalho que deve ser feito com os alunos, a fim de que os mesmo reflitam sobre suas condutas e as dos demais, mas que essa reflexão seja feita por meio de princípios”. Depois, esse registro é substituído por “O trabalho proposto neste capítulo refere-se a uma atividade onde os alunos são levados a reflexão sobre suas condutas, comportamento e as dos demais, na sociedade, mas que essa reflexão seja feita por meio de princípios”. Dado o refinamento desse tipo de rasura digital, a substituição sintático-semântica parece ligar-se à tentativa de alçar uma escrita, supostamente, mais “clara” e coerente ao endereçamento projetado para o gênero discursivo. Portanto, mais uma vez, não meramente uma máquina a sugerir caminhos a serem trilhados pelo escrevente.

Embora a operação de substituição tenha, hipoteticamente, maior atuação algorítmica, em ocorrências como essa, observa-se a atuação do escrevente que substitui, sem apoio dos facilitadores, buscando controlar o seu dizer e apagar a possibilidade, sempre aberta, de instalação do equívoco. De modo similar, nas rasuras ligadas aos operadores argumentativos ou à estrutura sintático-semântica não há a manipulação de itens lexicais isolados, mas, sim, o agenciamento de recursos da língua em sua base relacional, visando contar com um sentido valorizado pelo endereçamento projetado para o gênero discursivo resenha acadêmica.

## 5 Considerações finais

A análise desenvolvida neste estudo permitiu averiguar que a emergência de rasuras digitais ligadas à negociação com “outro sentido”, no interior da produção de uma resenha acadêmica, é determinada, linguisticamente, por três fatores principais: o reconhecimento de relações de sinonímia e de antonímia; o emprego de operadores argumentativos ou modalizadores; e, finalmente, a própria organização sintático-semântica dos enunciados escritos produzidos pelas escreventes. Nas rasuras digitais ligadas à sinonímia e à antonímia, embora as escreventes pareçam operar a língua a partir de recursos lexicais isolados, não há uma mera atuação da máquina por meio de mapeamento de possíveis sinônimos/antônimos, pois é possível ver, pela rasura, as escreventes tentando alçarem-se à imagem de escrita acadêmico-científica que consideram, imaginariamente, como superior, a “outra” escrita, sob a atuação da memória digital, num gesto de escape à regulação algorítmica, tendo em vista que elas não se limitam aos vocábulos sugeridos pelo autômato, mas trilham outros caminhos abertos pela língua e pelos discursos.

Já nas rasuras digitais ligadas a modalizadores e/ou operadores argumentativos, a operação mais recorrente foi a inserção de vocábulos, tais como os advérbios, a fim de marcar posicionamento sobre o dizer, buscando, assim, atender a características do gênero resenha acadêmica, que pressupõe uma apresentação crítica da obra resenhada. Por fim, nas rasuras digitais ligadas à estruturação sintático-semântica dos enunciados, as escreventes parecem não lidar com pontos localmente marcados em itens lexicais, mas com a possibilidade do equívoco, sempre lá, buscando rompê-lo por meio de substituições sintático-semânticas que supõem mais “claras” e mais coerentes ao endereçamento projetado para o gênero discursivo.

Embora reconheçamos a presença quantificadora da memória metálica e do algoritmo, mesmo no gesto de rasura digital mais saliente, a substituição, que, aparentemente, contaria com maior apoio da máquina, observamos a atuação da memória digital, abrindo espaço para outros sentidos diferentes dos indicados pela máquina, nas tentativas das escreventes de alçarem-se a uma escrita valorizada pelo endereçamento projetado e aterem-se à palavra ilusoriamente considerada como superior.

O digital não impôs mudanças sobre a forma de projeção da escrita, pois há sempre sujeitos negociando com diferentes dimensões da língua, da escrita e do discurso, uma vez que escrever não se restringe à repetição de regras catalogáveis, mas resulta de processos histórico-discursivos mediados pela linguagem.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. São Paulo: Editora Unicamp, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2004.
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 667-694, set./dez. 2013.
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. Rasura. In: SOUTO MAIOR, Rita de Cássia (org.). *Dicionário do Ensino de Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2025. v. 1, p. 341-354.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. A inter-incompreensão polêmica e sua versão solipsista em práticas de leitura emergentes. *ComHumanitas*, Quito, v. 11, n. 1, p. 68-81, enero/abr. 2020.
- DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.
- DIAS, Cristiane. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. *RASAL Lingüística*, Buenos Aires, v. 2, n. 2019, p. 55-74, 2019.
- FERRAGUT, Guilherme. MPL e MBL: a avenida Paulista e o movimento antes de p e b – uma reflexão sobre a formação algorítmica. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 112-134, jul./dez., 2019.
- GINZBURG, Carlo. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

KOMESU, Fabiana. Suporte: fonte, fixador, dispositivo socioistórico? In: TFOUNI, Leda Verdiani; MARTHA, Diana Junkes Bueno (org.). *O (in) esperado de Jakobson*. Campinas: Mercado de Letras, 2014. v.1, p. 173-196.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Digital Literacies: Policy, Pedagogy and Research Considerations for Education. *Opening Plenary Address to ITU Conference*, Oslo, Norway, 20 out. 2005.

MACHADO, Tatiane Henrique Sousa. Rasuras em contexto digital na escrita universitária: de que “outros” é preciso se defender e a que “outros” preciso recorrer? *Revista Interfaces*, v. 11, n. 4, p. 143-157, 2020.

MACHADO, Tatiane Henrique Sousa. *Rasuras digitais na escrita acadêmico-científica: a constituição da escrita do gênero resenha*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2020.